

MOBILIDADE RESIDENCIAL E SEGREGAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE

Jupira Gomes de Mendonça*

O espaço habitado (ou apropriado) funciona como uma espécie de simbolização espontânea do espaço social.. *Não há espaço, em uma sociedade hierarquizada, que não seja hierarquizado* (Bourdieu, 1997). Na medida em que a apropriação dos recursos urbanos é, no capitalismo, intrinsecamente desigual e na medida em que os agentes sociais são dotados de oportunidades diferentes de apropriação desses recursos, a sua localização no espaço físico será resultado de lutas, que podem ocorrer de forma individual ou coletiva. A mobilidade espacial é, segundo Bourdieu, uma forma individual de luta pela apropriação do espaço e *um bom indicador dos sucessos ou dos reveses alcançados nessas lutas e, mais amplamente, de toda a trajetória social* (Idem: 164).

A análise desses processos em uma realidade específica requer conhecer a sua organização sócio-espacial e relacionar as suas transformações ao movimento das populações no território. O estudo desenvolvido para a Região Metropolitana de Belo Horizonte partiu de uma metodologia que permitisse conhecer a configuração do espaço metropolitano segundo a relação entre os diversos grupos sociais, para então analisar o movimento desses grupos e suas relações com as transformações sócio-espaciais.

Trata-se de encontrar categorias sociais resultantes da combinação de atributos sociais desigualmente distribuídos (Desrosières, 1983). A construção da hierarquia social aqui analisada é suportada na noção de centralidade do trabalho na estruturação e no funcionamento da sociedade. Do ponto de vista empírico, tomamos a *ocupação* como a variável principal para a análise do espaço social, definida pelo IBGE como o *emprego, cargo, função, profissão etc. exercido durante a maior parte dos 12 meses anteriores à data de referência do Censo Demográfico*¹.

* Arquiteta e Urbanista, Professora na Escola de Arquitetura da UFMG, Mestre em Urbanismo, Doutoranda em Planejamento Urbano e Regional no IPPUR/UFRJ – jupira@arq.ufmg.br

¹ Censo Demográfico de 1991, Documentação dos Microdados, FIBGE, p.35

A partir de dados do Censo Demográfico foi possível construir uma *proxy* da estrutura social, combinando a variável ocupação com outras como posição na ocupação, setor de atividade, escolaridade e renda². A classificação abrangeu apenas a população ocupada, pois é para esta que o IBGE identifica a ocupação³ e resultou na construção de um sistema de hierarquização social das ocupações que servisse de *proxy* da estrutura social⁴.

Esses distintos agrupamentos vivem e convivem no espaço metropolitano, com oportunidades desiguais de apropriação desse espaço e de seus benefícios. Encontrar a sua representação territorial permite, pois, identificar o grau de segregação social presente nesse espaço.

O recurso utilizado para empreender essa tarefa foi o emprego das técnicas de análise fatorial por correspondência binária e de classificação hierárquica ascendente, através das quais é possível identificar a regularidade da representação das categorias no espaço da RMBH⁵. Esse procedimento permitiu a construção de um *mapa* no qual as diferentes composições entre as categorias sócio-ocupacionais no espaço metropolitano revelam estruturas sociais similares ou diferentes.

Para a construção desse sistema, foi necessário regionalizar o espaço metropolitano, segundo critérios que permitissem trabalhar os dados dos Censos Demográficos, executar o método da análise fatorial e identificar as representações

² A classificação resultante é produto de um trabalho coletivo de pesquisa financiada pelo PRONEX (“Metrópoles, Desigualdades e Governança Urbana”) que utilizou como referência inicial o sistema de classificação das profissões na França, criado no início dos anos cinquenta e aperfeiçoado desde então pelo Institut National d’Économie et Statistique (INSEE) – Ver Ribeiro e Lago (2000).

³ Trabalhar com os Censos Demográficos permitiu maior precisão na construção das categorias sociais, mas limitou o trabalho, até agora, à década de oitenta, na impossibilidade de utilizar dados censitários para anos mais recentes do que 1991.

⁴ A hierarquia social foi sintetizada em 25 categorias sócio-ocupacionais, por sua vez agrupadas em oito grandes grupos: 1) ocupações agrícolas; 2) elite dirigente (empresários, dirigentes do setor público, dirigentes do setor privado e profissionais liberais); 3) elite intelectual (profissionais de nível superior autônomos e profissionais de nível superior empregados); 4) pequena burguesia (pequeno empregador e comerciantes por conta própria); 5) setores médios (empregados de supervisão, empregados do comércio, técnicos e artistas, empregados da educação e saúde e empregados de segurança e correios); 6) operários do terciário (trabalhadores do comércio, trabalhadores de serviço especializado e trabalhadores de serviço não-especializado); 7) operários do secundário (trabalhadores da indústria moderna, trabalhadores da indústria tradicional, trabalhadores de serviços auxiliares, trabalhadores da construção civil e artesãos); 8) trabalhadores da sobrevivência (empregadas domésticas, ambulantes e biscateiros)

⁵ A origem da construção desse método remonta a metodologia desenvolvida por Chenu e Tabard no início dos anos noventa para o território francês e posteriormente trabalhada por Preteceille em Paris e Luiz César Ribeiro para o Rio de Janeiro e, recentemente, em pesquisa apoiada pelo PRONEX em várias metrópoles brasileiras, sob a coordenação de Ribeiro.

territoriais do espaço social, na forma descrita. A Região Metropolitana foi dividida em 121 Unidades Espaciais Homogêneas (UEH) – os grandes aglomerados de favelas foram isolados em UEH específicas.

Foi então construída uma *tipologia sócio-espacial* para a região, que expressa a *densidade* de representação das diversas categorias e sua combinação no espaço metropolitano. Em outras palavras, a tipologia sócio-espacial expressa as relações entre *as estruturas do espaço social e as estruturas do espaço físico*⁶.

A tipologia sócio-espacial da RMBH

Foram identificados, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, cinco conjuntos de espaços marcadamente definidos por diferentes categorias sócio-ocupacionais: de Elite, Médio, Operário, Popular e um grupo bastante específico, que denominamos “espaço de elite polarizado”.

Espaço das elites – constitui um tipo de espaço que se distingue pela concentração de categorias sócio-ocupacionais da elite dirigente e da elite intelectual, constituindo claramente o espaço das elites. Mais de 60% das categorias que compõem a elite dirigente estavam aí concentradas em 1991 (no caso dos profissionais liberais e dos dirigentes privados este percentual ultrapassava 70%). Por outro lado, os setores operários e populares estão praticamente ausentes desses espaços, com exceção da empregada doméstica (12% das quais encontravam-se nesse tipo, em 1991). Nesse grupo estavam aproximadamente 9% da população ocupada da RMBH em 1991.

Espaços médios - caracterizam-se principalmente pela representação da pequena burguesia e dos setores médios acima da média metropolitana ou próximos dela e pela representação dos trabalhadores abaixo da média metropolitana. Dois tipos encontram-se nesse grupo. O primeiro, que denominamos “Espaço Médio com Elite”, caracteriza-se por abrigar percentual expressivo da elite dirigente, alta representação da elite intelectual, da pequena burguesia e dos segmentos superiores das camadas médias. Na sua composição interna, 12% da população ocupada eram, em 1991, profissionais de nível superior empregados, 10% empregados de supervisão, 17% empregados de escritório e 8% empregados do comércio (estas categorias totalizam quase a metade do

⁶ Para a análise das categorias sociais no espaço metropolitano em 1991 foram excluídos quatro municípios que não faziam parte da Região Metropolitana em 1980, para os quais os dados não estavam disponíveis, de modo que as tipologias resultantes para ambos os anos pudessem ser comparadas.

total da população ocupada no tipo). Há também uma representação relativamente alta da elite dirigente (os dirigentes do setor público estavam estão representados duas vezes acima da média). A presença de operários industriais é inexpressiva, assim como a de trabalhadores da sobrevivência (ainda que, em 1991, 7,6% de sua população ocupada fosse constituída de empregadas domésticas).

O segundo tipo dentro desse grupo tem uma representação da pequena burguesia e dos setores médios acima da média metropolitana. A elite dirigente é inexpressiva, mas a elite intelectual está representada, ainda que ligeiramente abaixo da média. Aí também está o operariado, com representação na média ou ligeiramente abaixo dela. O segmento popular apresenta-se também abaixo da média metropolitana. Este é o “Espaço Médio”.

Espaços Operários – este conjunto tem como característica principal uma forte representação operária, em contraposição a uma fraca representação dos setores médios e superiores⁷, com exceção do “Espaço Operário e Médio”, não existente em 1980, caracterizado por uma representação acima da média dos setores médios e alta representação dos operários da indústria moderna (mais do que o dobro da média metropolitana). A representação dos segmentos populares é menos significativa.

O espaço caracteristicamente “Operário” tem uma representação acima da média metropolitana de todas as categorias sócio-ocupacionais operárias, tanto do secundário, como do terciário, sem nenhuma que se destaque, embora a maior representação seja dos operários da indústria tradicional. Também os segmentos populares estão representados próximo da média metropolitana. Os setores médios são bem menos significativos, com exceção da categoria dos empregados de segurança e correios.

Há ainda neste grupo, os espaços de tipos “Operário e Popular” e “Operário e Agrícola”. O primeiro é caracterizado por significativa representação de operários juntamente com alta representação de segmentos populares, e o segundo, além de significativa representação de operários, apresenta uma forte densidade de ocupações agrícolas. Este é um tipo particular da Região Metropolitana de Belo Horizonte, onde, nas regiões mais periféricas, convivem indústrias extrativas e beneficiadoras de recursos naturais, siderúrgicas e atividades agrícolas.

⁷ É importante ressaltar que a elite dirigente está praticamente ausente de todos os tipos que não o “Espaço das Elites” e o “Espaço Médio com Elite”.

Espaços Populares - composto pelos tipos “Popular” e “Popular e Agrícola”, este conjunto se caracteriza pela forte representação dos operários da construção civil, trabalhadores de serviço não-especializado e das categorias que compõem o subproletariado, ou trabalhadores da sobrevivência (empregadas domésticas, ambulantes e biscateiros). O que distingue os dois espaços é que no Popular e Agrícola há altíssima densidade de trabalhadores agrícolas, além de menor representação das empregadas domésticas. Em ambos os espaços, a representação da pequena burguesia e dos setores médios é bem pequena⁸.

Espaço de Elite Polarizado - constitui um tipo muito específico de espaço na RMBH: apresenta alta representação da elite dirigente e também de operários da indústria tradicional, operários da construção civil e empregadas domésticas. Os demais operários têm uma representação muito próxima da média metropolitana. Também os trabalhadores agrícolas apresentavam uma densidade acima da média metropolitana, embora essa sobre-representação fosse maior em 1980.

Esse tipo de espaço reunia, em 1991, apenas 0,4% da população ocupada da RMBH, mas apesar desta representação quantitativamente inexpressiva, correspondente a apenas uma Unidade Espacial Homogênea – “Expansão de Nova Lima” –, consideramos importante destacá-lo, uma vez que se trata de uma situação muito particular na região metropolitana, e que tende a ser consolidar e expandir. Trata-se de uma área heterogênea, onde há população rural, trabalhadores vinculados à mineração e, ainda, população de alta renda, composta de dirigentes e profissionais de nível superior, moradora de condomínios fechados, que se estendem pelo vetor sul de expansão metropolitana, abrangendo toda a área do município de Nova Lima, para além da Sede Municipal, que constitui uma UEH separada⁹.

Em toda a RMBH as elites constituem o grupo que mais se concentra no espaço: mais de 60% dos indivíduos pertencentes à elite dirigente concentravam-se, em 1991, nos Espaços de Elite. No caso dos dirigentes privados este percentual chega a quase 80%. Por outro lado, há vastas áreas periféricas com total ausência das elites dirigentes.

⁸ Desnecessário lembrar a ausência das elites.

⁹ Na atualização do trabalho, com os dados do Censo 2000, ao analisar Brumadinho, que não era da RMBH em 1980, muito provavelmente o município terá tipologia semelhante.

Se excluirmos os empresários, observamos que as elites estão ausentes de 53 Unidades Espaciais Homogêneas, quase a metade, portanto, do total de unidades.

É evidente o processo de auto-segregação das elites da metrópole belo-horizontina, que ocupam os espaços mais centrais da metrópole e apresentam um eixo de expansão na direção sul, em espaços ainda periféricos, mas polarizados, ou seja, com uma sobre-representação das duas extremidades da hierarquia social

Na realidade, dois são os grupos que marcam o espaço metropolitano: de um lado, as elites, que buscam a distinção espacial - os *ganhos simbólicos de distinção, ligados à posse monopolística de uma propriedade distintiva* (Bourdieu, 1997) – e de outro, as classes trabalhadoras, cujo local de trabalho é fator importante na localização residencial.

O restante tende a se espalhar, não apresentando um padrão muito claro – se observarmos a densidade das diversas categorias na composição dos Espaços Médios, verificamos que este é o tipo de espaço que mais se aproxima da média metropolitana na sua composição interna, ainda que as elites estejam sub-representadas.

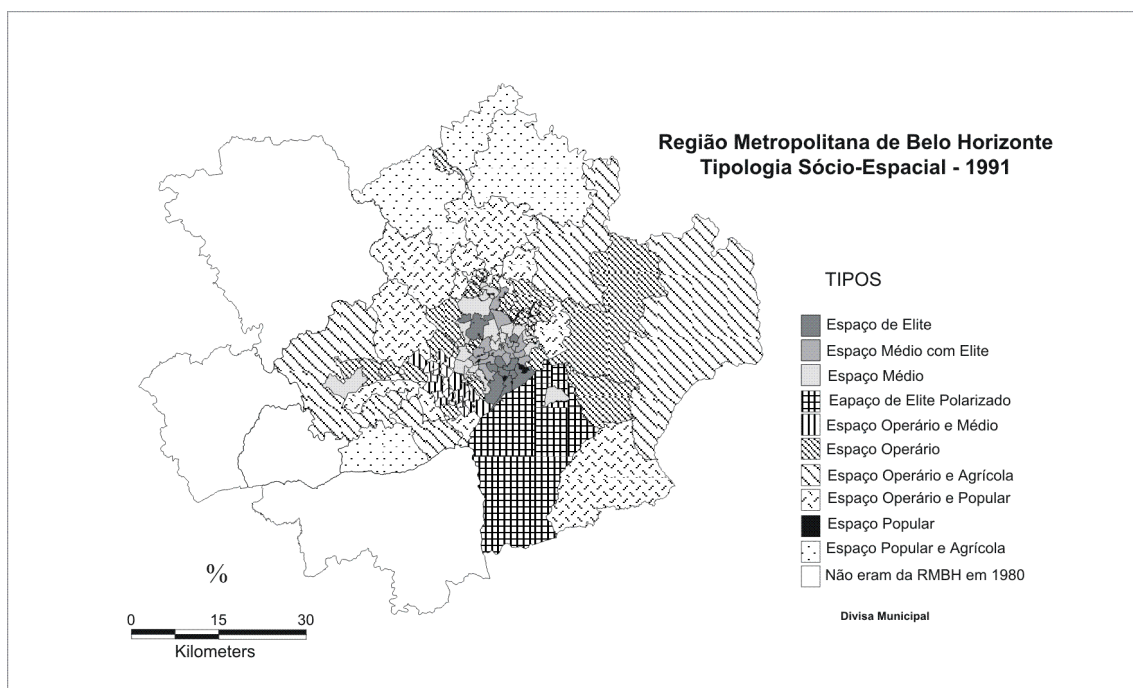
A composição interna do “Espaço Médios com Elite” tem alguma semelhança com aquela do “Espaço de Elite”, muito embora a participação das categorias de elite seja menor e a do operariado seja maior. Estes são, na realidade, espaços intermediários, onde a representação das elites é acima da média metropolitana (mais que o dobro, no caso da elite intelectual), mas onde também a pequena-burguesia e os setores médios estão sobre-representados. A participação dos trabalhadores manuais é maior do que no Espaço de Elite, mas ainda com uma densidade bem abaixo da média metropolitana.

Os espaços operários apresentam, como vimos, diferenciações referentes à maior ou menor representação dos segmentos populares e das ocupações agrícolas.

Os espaços tipicamente populares eram, em 1991, exclusivos das favelas existentes nas áreas mais centrais da metrópole. A sobre-representação dos trabalhadores de sobrevivência e de segmentos mais populares do operariado era bem alta: o dobro da média metropolitana no caso dos trabalhadores da construção civil, prestadores de serviço não-especializado e empregadas domésticas e o triplo no caso dos biscateiros. Trata-se aqui da mesma relação das empregadas domésticas nos espaços de elite: a proximidade física entre as favelas e as áreas geograficamente mais centrais não elimina a enorme distância social entre espaços que denominamos *populares* e os espaços das elites. Ao contrário, essa proximidade física é produto de relações de

trabalho em que a prestação de serviços é realizada no espaço residencial do empregador, gerando, portanto, a busca do trabalhador pela moradia fisicamente próxima ao local de trabalho, ou seja, à residência daquele que demanda o trabalho.

Por fim, há os espaços mais periféricos, onde a sobre-representação das ocupações agrícola é muito alta (dez vezes maior do que a média metropolitana), convivendo com alta representação de alguns segmentos operários e setores populares – são os espaços que denominamos *Popular e Agrícola*. Nestes casos, as categorias tipicamente urbanas, como o operariado do terciário e os ambulantes, estão sub-representadas.



As transformações sócio-espaciais nos anos oitenta

O espaço metropolitano era, no início dos anos oitenta, menos complexo e com oposições mais bem definidas. Os espaços periféricos eram mais rurais, embora a participação das ocupações agrícolas no conjunto da estrutura produtiva já fosse muito pequena e, havia, nesses espaços, uma mistura mais nítida com o operariado.

As áreas caracterizadas pelos segmentos populares configuravam as favelas de Belo Horizonte e algumas áreas vizinhas da capital, a norte. O operariado estava mais

concentrado a oeste, no “Eixo Industrial”, e a leste, nos municípios de Rio Acima e Sabará e na sede de Nova Lima, região com perfil econômico extrativo.

Os segmentos médios e as elites estavam absolutamente concentrados no município de Belo Horizonte, na Zona Sul, na Pampulha e em algumas áreas pericentrais, entre a Pampulha e a zona central do município.

As transformações nos anos oitenta resultaram em um espaço social mais complexo, com maior mistura entre segmentos sociais. A configuração geográfica tende para um *continuum*, em que os espaços de elite se expandem na direção da Pampulha e os espaços mais populares se expandem para as periferias norte e oeste, principalmente.

As principais mudanças na organização sócio-espacial da metrópole podem ser sintetizadas em três pontos:

1) os espaços centrais e peri-centrais se *elitizaram* - os espaços de tipo médio e de elite passam a ocupar um território maior, ainda que com menor participação no conjunto da população ocupada, coerentemente com a diminuição relativa de população nas áreas mais centrais durante a década. Algumas categorias se tornaram mais restritivas em relação ao espaço de moradia. É o caso dos dirigentes do setor privado e dos profissionais liberais. Entre os primeiros, 71% moravam no Espaço de Elite em 1980, passando para 79% em 1991. Entre os profissionais liberais 69% moravam nesse espaço em 1980, passando para 73% em 1991.

2) Surge, em 1991, o espaço tipo "Operário e Médio", circunscrito às áreas ao sul do município de Contagem e a sudoeste de Belo Horizonte, no chamado "eixo industrial", caracterizando-se por maior mistura de operários e segmentos médios.

3) Os espaços imediatamente periféricos a Belo Horizonte se transformaram, tornaram mais urbanos e mais operários. É o caso, principalmente, dos municípios de Vespasiano e Ribeirão das Neves, da região norte de Contagem, das áreas meridionais de Santa Luzia e da região oeste de Sabará. os espaços mais periféricos se tornaram mais populares - surge o Tipo “Popular e Agrícola”. O Espaço Popular passa a ser exclusivo das unidades espaciais de favelas.

No conjunto, a estrutura social metropolitana se tornou mais complexa, com maior diferenciação do espaço social. Há maior mistura de segmentos médios com operários e de operários com segmentos populares – em 1991 aumenta a sobre-representação dos trabalhadores da sobrevivência, tanto nos tipo “Operário”, “Operário e Agrícola” e “Operário e Popular”. Parece haver um movimento centrífugo, em que a

elitização das áreas vai ocorrendo através da mistura dos grupos sociais com a entrada de novos segmentos, superiores na hierarquia social.

A elite dirigente aumentou sua densidade, especialmente na região sul da Pampulha. Dentro da Avenida do Contorno, ou seja, Área Central de Belo Horizonte e núcleo de toda a região metropolitana, a concentração é nítida: elevou-se a representação neste espaço de quase todas as categorias sócio-ocupacionais que compõem a elite dirigente.

Nesses lugares, as classes médias em geral aumentaram sua participação - entendendo-se como classes médias parte da pequena burguesia (pequeno empregador) os profissionais de nível superior e parte das categorias médias (empregados de escritório e empregados de supervisão). Há, na realidade um espriamento das classes médias pelos espaços centrais e peri-centrais de Belo Horizonte.

Na Pampulha, ocorreu um movimento duplo: nas áreas a sul da Lagoa e no eixo da Av. Pedro I (que segue em direção ao Aeroporto Internacional de Confins) ocorreu clara *elitização*: a tipologia passa de “Espaço Médio com Elite” para “Espaço de Elite” onde aumentou a densidade de praticamente todas as categorias da elite dirigente, ou de “Médio” para “Médio com Elite”¹⁰.

As áreas a norte da lagoa sofreram transformação descendente: foi diminuída a representação dos empresários, profissionais liberais, profissionais de nível superior autônomos e operários da indústria moderna, ao mesmo tempo em que cresceram significativamente a representação de comerciantes por conta própria, técnicos e artistas, empregados da saúde e educação e os pequenos empregadores. A tipologia apresentou uma alteração descendente de “Médio com Elite” para “Médio”.

Os segmentos populares, de um modo geral, vão sendo empurrados para as periferias mais distantes. A representação da mão-de-obra ocupada em atividades não qualificadas (serviços não especializados e construção civil) é sensivelmente diminuída em todo o espaço do município sede da Região Metropolitana.

Em síntese, a região metropolitana como um todo se tornou mais urbana – o crescimento demográfico permaneceu alto nas regiões periféricas, tratando-se de um

¹⁰ A região da Pampulha, na realidade, constitui uma situação especial em Belo Horizonte. A sua urbanização foi iniciada no final dos anos 40, simultaneamente a uma legislação que estabelecia critérios *elitistas* de edificação; ao mesmo tempo, mais recentemente o poder público tem localizado ali alguns conjuntos habitacionais, em torno dos quais têm surgido ocupações irregulares (ver Mendonça,2001).

crescimento tipicamente urbano e composto de grupos sociais mais operários e populares.

Ressalta-se também o movimento ascendente das diversas áreas do espaço metropolitano, principalmente em Belo Horizonte e sua periferia imediata, com transformações de espaços operários, adquirindo perfil “mais classe média” e de espaços populares, passando a apresentar um perfil “mais operário”. No entanto, do ponto de vista das populações, esta é uma dinâmica *descendente*, em que as classes médias se espraiam em direção às áreas operárias e os segmentos operários se locomovem para áreas populares, como veremos mais adiante.

Em uma visão macro da região metropolitana, podemos dizer ainda que as alterações manifestas consolidam tendências expressas desde os primórdios da formação metropolitana, sobressaindo-se o contínuo processo de periferização, nas direções norte e oeste, dos segmentos populares e operários, e a concentração das elites na *zona sul* de Belo Horizonte, agora expandindo-se mais para sul, no eixo da BR-040, em direção ao Rio de Janeiro.

As transformações nos tipos sócio-espaciais das diversas UEH foram sintetizadas na seguinte Tipologia de Evolução:

1) *Aburguesamento* – onde houve alteração de tipologia sócio-espacial, em geral para Espaço de Elite, ou Médio com Elite, ou mudanças na composição das categorias sócio-espaciais indicando maior densidade das elites.

2) *Mais Classes Médias* – em geral, característico do espraiamento de setores médios para áreas anteriormente com perfil mais operário e popular.

3) *Diversificação ascendente* – com maior presença de segmentos populares em 1980, os quais perdem densidade durante a década, ao mesmo tempo em que passa a haver maior representação de outros segmentos, em geral dos setores médios, mas também da pequena burguesia e, em alguns casos, de profissionais de nível superior.

4) *Diversificação* – ocorreu em áreas, em geral mais periféricas, de perfil operário-popular, e não apresenta um padrão claro de mudança: houve aumento na representação de algumas categorias da elite dirigente e da pequena burguesia, em algumas unidades espaciais, bem como dos setores médios; também entre os operários do terciário, predomina aumento na representação; entre os operários industriais e entre os segmentos mais populares, no entanto, houve aumento em alguns casos e diminuição em outros.

5) *Proletarização* – característico das áreas onde houve diminuição de densidade dos segmentos populares e aumento da representação relativa dos operários industriais.

6) *Mais popular* – ocorreu nas unidades espaciais onde, ao contrário das anteriores, houve aumento de densidade dos segmentos populares.

Dinâmica demográfica e mobilidade residencial

A manifestação mais visível da mobilidade residencial na RMBH é o quadro demográfico no período em estudo, caracterizado principalmente por: a) crescimento negativo ou abaixo da média metropolitana nas áreas central e peri-central do município-sede, à exceção das áreas de favela e de duas unidades espaciais (Mansões/São Bento e Cidade Nova), estas últimas constituindo área de fronteira do mercado imobiliário em Belo Horizonte; b) maior crescimento nos eixos oeste e norte, sendo que o norte atinge as periferias mais distantes da região metropolitana; c) manifestação de um novo eixo de expansão, que abrange as áreas externas à sede do município de Nova Lima, classificadas como Espaço de Elite Polarizado, onde o crescimento foi superior a 7% ao ano; d) permanência do baixo crescimento populacional das áreas a leste; e e) crescimento populacional diferenciado das favelas, que podem ser agrupadas, sob esse aspecto, em três conjuntos: as favelas da região mais central de Belo Horizonte, que cresceram a taxas entre 2,7% e 3,6% ao ano, pouco mais do que o crescimento médio metropolitano; as favelas da região norte de Belo Horizonte e de Betim, cujo crescimento anual foi superior a 9%¹¹, e as favelas do eixo industrial situadas em Belo Horizonte e em Contagem, cujo crescimento situou-se entre 1,3% e 2,5%, abaixo, portanto, da média metropolitana.

Do ponto de vista sócio-espacial, as áreas que se tornaram mais operárias e as que se tornaram mais populares estão, em geral, entre as que mais crescem demograficamente. As áreas de *elitização*, ao contrário, estão entre as de crescimento anual baixo ou negativo, o que parece estar relacionado ao padrão familiar de cada grupo social¹² - a expansão territorial dos Espaços da Elite correspondeu a um

¹¹ Neste último caso é importante lembrar que a FIAT foi inaugurada em Betim em 1976.

¹² Os estudos básicos do Plano Diretor de Belo Horizonte, aprovado em 1996, mostram para este município, em 1991, diferenças substanciais no tamanho da família, segundo a geografia do município – em média 3,6 pessoas nas regiões mais centrais e 4,4 nas áreas periféricas a norte, indicando padrões diferentes (Prefeitura de Belo Horizonte, 1995:70).

esvaziamento demográfico dessas áreas, muito embora o número de domicílios tenha crescido substancialmente.

O estudo desses movimentos, através da análise da mobilidade residencial, foi possível através dos dados da Pesquisa de Origem e Destino (Pesquisa O/D), promovida pela Transmetro, e pelo Plambel, órgãos metropolitanos já extintos, e processada no final dos anos noventa pela Fundação João Pinheiro. A pesquisa traz importantes dados sócio-econômicos, tais como local de moradia atual, local de moradia anterior, tempo de residência, renda familiar e ocupação do chefe da família. A unidade espacial utilizada para aplicação da pesquisa é compatível com as Unidades Espaciais Homogêneas.

A vantagem de utilizar os dados da Pesquisa O/D, em relação aos dados dos Censos Demográficos do IBGE, é que os primeiros permitem a verificação da mobilidade intra-urbana, enquanto que os segundo só fornecem informação sobre a migração entre municípios¹³.

Os dados da Pesquisa OD mostram que, se os fluxos migratórios de longa distância arrefeceram na década em questão, a mobilidade intra-urbana e intra-metropolitana foi importante (quase a metade das famílias pesquisadas mudou de domicílio na década de 80) e ocorreu através de um movimento do centro em direção às periferias.

É expressiva a mobilidade nas proximidades do local de moradia: 37% dos grupos familiares que mudaram de residência entre 1982 e 1992, o fizeram dentro da mesma UEH. No nível macro, os fluxos entre as UEH, além de constituírem um movimento do centro para a periferia, configuram um processo de crescente segregação. Se observarmos os fluxos de entrada nas áreas onde o saldo de mobilidade é negativo¹⁴, isto é, nas áreas mais centrais, veremos que há predominância dos grupos de renda familiar mais alta – no caso daqueles com renda familiar acima de 20 salários mínimos, a participação nos fluxos de entrada é o dobro da sua participação média na região metropolitana. Quase 40% dos grupos familiares que se mudam para essas áreas

¹³ A pesquisa O/D trabalhou com uma amostra de 3,5% dos domicílios da região metropolitana. Os dados sobre tempo de residência e último local de moradia referem-se ao *grupo familiar*, podendo significar núcleo familiar ou família estendida. Quando a resposta à Área Homogênea de moradia anterior é zero, o grupo familiar foi constituído em lugar de moradia atual e nunca mudou de residência. Eliminando-se estes casos, têm-se 19.579 grupos familiares, ou seja, 75% dos grupos pesquisados, que efetuaram alguma mudança de domicílio. Os grupos familiares que se locomoveram entre 1982 e 1992 representam cerca de 44% do total de domicílios pesquisados.

¹⁴ Neste caso, foram excluídos os grupos familiares que se mudaram dentro da mesma UEH.

possuem renda familiar maior do que 10 salários mínimos. Nessas mesmas áreas, a participação dos grupos familiares de renda mais baixa nos fluxos de entrada é menor do que a sua participação nos fluxos de saída. O contrário ocorre com os grupos familiares de renda mais alta: a sua participação nos fluxos de entrada é bem maior do que nos fluxos de saída.

Nas áreas onde o saldo da mobilidade é positivo (áreas peri-centrais e periféricas), ao contrário, predomina a entrada de grupos de menor renda: 42% dos que entram nestas áreas têm renda familiar igual ou menor do que 3 salários mínimos. As trocas aí são similares, isto é, a composição de renda familiar entre os que saem e os que entram é muito semelhante.

Em síntese, a dinâmica demográfica da Região Metropolitana de Belo Horizonte apresenta dois movimentos; de um lado, o esvaziamento populacional das áreas centrais e peri-centrais, simultâneo ao crescimento das áreas mais periféricas; de outro, a predominância dos fluxos de saída das famílias de baixa renda das áreas mais centrais em relação ao percentual dos seus fluxos de entrada nessas áreas, bem como a relação inversa desses fluxos nas áreas mais periféricas. Predominam, na região metropolitana, os fluxos de saída descendentes, isto é, aqueles cuja unidade espacial de origem apresenta renda familiar média maior do que a da unidade espacial de destino. Excluindo os fluxos internos às unidades espaciais, 62,8% dos grupos familiares que mudaram de residência entre 1982 e 1992 realizaram fluxo descendente e apenas 37,2% realizaram fluxo ascendente.

Mobilidade residencial e organização sócio-espacial

Observados os movimentos mais gerais, é importante detalhar um pouco mais a sua espacialidade, de forma a buscar explicações para as mudanças sócio-espaciais ocorridas na década de oitenta. Para isto os chefes de domicílio dos grupos familiares que se mudaram entre 1982 e 1992 foram classificados segundo a sua posição social¹⁵

¹⁵ As informações sobre ocupação, renda e ramo de atividade na Pesquisa de Origem e Destino (OD) permitiram agrupar os chefes de domicílios segundo a posição social, em cinco grupos: Elites, resultantes do agrupamento de chefes de domicílio ocupados em Altos Cargos, Técnicos de Nível Superior e Proprietários e Sítiantes com renda acima de 20 salários mínimos; Grupos Médios, trabalhadores de supervisão, técnicos de nível intermediário, trabalhadores não manuais de rotina e proprietários e sítiantes com renda menor do que vinte salários mínimos; Operariado Industrial, constituído de trabalhadores manuais dos ramos de atividade compostos pelas indústrias e serviços auxiliares à indústria; Operariado em Geral, grupo que agrega trabalhadores manuais do comércio e de serviços, inclusive os serviços

(uma *proxy* das categorias sócio-espaciais utilizadas na construção da tipologia sócio-espacial). A associação entre a dinâmica demográfica e o movimento dos diversos grupos sociais possibilitou aprofundar a análise do ponto de vista geográfico.

A distribuição dos chefes de domicílio ocupados segundo a sua posição social é bastante semelhante à distribuição da população ocupada pelos grupos sócio-ocupacionais anteriormente utilizados, o que permitiu a associação entre mobilidade e tipologia sócio-espacial. Embora o tamanho da amostra não permita trabalhar os dados por UEH¹⁶, é possível agregá-los por grupos de UEH segundo a tipologia socio-espacial ou a tipologia de evolução.

A observação dos fluxos de entrada e de saída dos diversos grupos sociais, de e para cada conjunto de unidades espaciais, mostrou que, assim como os fluxos são predominantemente entre áreas fisicamente próximas, também do ponto de vista social predomina a mobilidade de curta distância: por um lado, das áreas de Aburguesamento saíram principalmente os grupos familiares posicionados na Elite e nos Grupos Médios – essas são áreas que mudaram de Espaço Médio para Médio com Elite ou áreas desse último tipo onde houve maior adensamento das elites. Por outro, nas áreas de Proletarização e nas que se tornaram Mais Populares o peso maior nos fluxos de saída foi dos grupos operários e populares.

Em outras palavras, o peso dos que saem de cada área é maior para aqueles grupos sociais que caracterizam a área. Esta relação é óbvia, mas se observarmos a representação dos grupos que *entram*, veremos que ela permanece e se aprofunda – por exemplo, a participação dos grupos familiares de Elite com destino nas áreas de Aburguesamento é duas vezes maior do que a média de todos os fluxos de entrada nestas áreas. A densidade de entrada dos Grupos Médios nessas áreas também é 25% maior do que a média. O peso do Operariado Industrial foi maior nas áreas de Proletarização e nas se tornaram mais populares e o dos Trabalhadores de Sobrevivência foi nas áreas de Diversificação, Proletarização e Mais Populares.

públicos; finalmente, os Trabalhadores de Sobrevivência, composto de ajudantes, serventes, empregados domésticos e trabalhadores da construção civil.

¹⁶ A pesquisa OD trabalhou com uma amostra de 3,5% dos domicílios da Região Metropolitana de Belo Horizonte; entre estes, 64% dos chefes têm uma ocupação, mas apenas a metade dos chefes ocupados mudaram de residência no período estudado, isto é, entre 1982 e 1992.

Em síntese, nas áreas de Aburguesamento saiu uma quantidade menor de grupos familiares de Elite, em relação aos que entraram, e saíram mais operários e sub-proletários do que entraram, o mesmo ocorrendo com as áreas que se transformaram na direção de um perfil “mais classes médias” e naquelas que passaram por Diversificação Ascendente – a exceção neste último caso foi a maior entrada do Operariado em geral, relativamente à sua saída destas áreas.

Das áreas de Proletarização, saíram menos grupos sociais da Elite¹⁷, Grupos Médios e de Operários Industriais em relação aos que entraram, ocorrendo o contrário com o Operariado em Geral e os Trabalhadores de Sobrevivência.

Nas áreas que se tornaram Mais Populares, a entrada da Elite e dos Grupos Médios foi menor, em relação à sua saída – ressalte-se que a densidade dos grupos de elite que entraram nessas áreas é inexpressivo. O Operariado Industrial manteve percentual semelhante tanto nos fluxos de entrada como de saída dessas áreas. O contrário ocorreu com o Operariado em Geral e os Trabalhadores de Sobrevivência, que entraram mais do que saíram.

O padrão dos fluxos nas áreas de Diversificação foi semelhante àquele das áreas que se tornaram mais populares, a não ser pela maior entrada de famílias da Elite. Nessas áreas, embora o saldo seja favorável aos grupos operários e populares, a entrada dos grupos sociais é relativamente bem distribuída: à exceção das famílias da Elite, a participação dos demais grupos sociais nos fluxos de entrada varia de 19% a 28%.

Em linhas gerais, os movimentos mostram que a natureza dos fluxos impactou as transformações sócio-espaciais ocorridas nas diversas regiões do território metropolitano. A evolução sócio-espacial foi ascendente nas áreas de *Aburguesamento* (quase todas eram áreas que passaram do Tipo Médio para Médio com Elite, ou áreas de tipo Médio com Elite onde houve maior adensamento das elites), nas áreas que se tornaram *Mais Classes Médias* (70% das quais resultaram da mudança de áreas do Tipo Operário para Operário e Médio), nas áreas de *Diversificação Ascendente* e nas áreas de *Proletarização* (onde houve entrada significativa de Grupos Médios). Na primeira o peso da Elite e dos Grupos Médios nos fluxos de entrada foi significativamente maior do

¹⁷ Ainda que a Elite tenha representado, nestas áreas, apenas 1,8% dos que saíram e 2,2% dos que entraram.

que o peso dos demais grupos. Nas demais, destacam-se o maior peso dos grupos médios e do operariado, com as diferenças pertinentes às características da área: maior peso do operariado industrial nas áreas de Proletarização e maior peso do Operariado em Geral nas áreas de Diversificação Ascendente (quase todas mudaram do Tipo Operário e Popular para o Tipo Operário).

Por outro lado, nas áreas que se tornaram mais populares, ou seja, em que a evolução foi descendente, os fluxos de entrada foram fortemente marcados pelos operários industriais e pelos trabalhadores de sobrevivência.

TABELA 1
Distribuição dos Fluxos de Saída dos grupos sociais que se mudaram entre 1982 e 1992 para outra UEH por Tipo de Evolução Sócio-Espacial das áreas de origem

Tipologia da Evolução das áreas de origem	Elite	Grupos Médios	Operariado Industrial	Operariado em Geral	Trabalhadores de Sobrevivência	Total
Aburguesamento	15.9%	49.4%	13.2%	12.0%	9.5%	100.0%
Mais classes médias	3.6%	36.5%	30.2%	14.8%	14.8%	100.0%
Diversificação ascendente	2.3%	36.4%	26.2%	15.6%	19.5%	100.0%
Diversificação	1.6%	30.7%	30.7%	18.2%	18.8%	100.0%
Proletarização	1.8%	31.0%	25.7%	18.7%	22.8%	100.0%
Mais popular	3.3%	33.3%	35.0%	10.0%	18.3%	100.0%
Permanece	19.2%	41.1%	17.1%	11.8%	10.8%	100.0%
Total	10.5%	39.4%	22.1%	13.9%	14.1%	100.0%

Fontes: IBGE, Censo Demográfico, 1991. Plambel/Transmetro/Fundação João Pinheiro, Pesquisa de Origem e Destino, 1992 – dados trabalhados

TABELA 2
Distribuição dos Fluxos de Entrada dos grupos sociais que se mudaram entre 1982 e 1992 para outra UEH por Tipo de Evolução Sócio-Espacial das áreas de origem

Tipologia da Evolução das áreas de origem	Elite	Grupos Médios	Operariado Industrial	Operariado em Geral	Trabalhadores de Sobrevivência	Total
Aburguesamento	22.1%	49.6%	11.6%	9.3%	7.4%	100.0%
Mais classes médias	6.5%	46.8%	25.6%	13.0%	8.1%	100.0%
Diversificação ascendente	3.9%	44.1%	21.6%	16.6%	13.7%	100.0%
Diversificação	1.9%	27.9%	26.0%	19.1%	25.1%	100.0%
Proletarização	2.2%	35.9%	28.4%	16.1%	17.4%	100.0%
Mais popular	1.0%	29.7%	34.4%	14.9%	20.0%	100.0%
permanece	17.2%	36.2%	19.6%	12.7%	14.3%	100.0%
Total	10.6%	39.7%	22.2%	13.8%	13.7%	100.0%

Fontes: IBGE, Censo Demográfico, 1991. Plambel/Transmetro/Fundação João Pinheiro, Pesquisa de Origem e Destino, 1992 – dados trabalhados

Nas regiões que permaneceram com o mesmo tipo em 1980 e em 1991, foram separadas as unidades espaciais médias e de elite daquelas que congregam unidades espaciais operárias e populares. Observa-se que o movimento analisado anteriormente se reproduz, ou seja, nos espaços médios e de elite há relativamente maior entrada das elites e, ao contrário, há maior entrada relativa do operariado e dos trabalhadores de sobrevivência nas áreas operárias e populares, reproduzindo o processo de distanciamento social no espaço metropolitano visto anteriormente.

TABELA 3
Distribuição dos fluxos de entrada e de saída das UEH que permaneceram com o mesmo tipo sócio-espacial por grupo social

Grupos Sociais		Elite	Grupos Médios	Operariado Industrial	Operariado em Geral	Trabalhadores de Sobrevivência	Total
Tipo de UEH e tipo de fluxo							
UEH OPERÁRIAS E POPULARES	SAÍDA	3.3%	30.1%	27.5%	17.6%	21.5%	100.0%
	ENTRADA	1.4%	27.9%	29.0%	19.1%	22.7%	100.0%
UEH MÉDIAS E DE ELITE	SAÍDA	25.7%	45.5%	12.8%	9.4%	6.6%	100.0%
	ENTRADA	33.4%	45.7%	8.3%	6.8%	5.8%	100.0%

Fontes: IBGE, Censo Demográfico, 1991. Plambel/Transmetro/Fundação João Pinheiro, Pesquisa de Origem e Destino, 1992 – Dados trabalhados

Esses processos são resultado de uma série de mudanças no espaço metropolitano durante os anos oitenta. A evolução da estrutura social da metrópole belo-horizontina sofreu, naquela década, transformações importantes: a) maior crescimento do pessoal ocupado (45% na década) em relação à população como um todo (35%); b) maior participação de segmentos vinculados ao terciário na composição da população ocupada; c) crescimento do setor informal e da *precarização* das relações de trabalho; d) aprofundamento do desemprego estrutural e e) diminuição da renda individual em todos os grupos sociais, à exceção da Elite Dirigente que, ao contrário, passou a deter maior parcela dos altos salários.

A esse conjunto de transformações soma-se um movimento populacional interno à região metropolitana, em que os grupos familiares realizam fluxos socialmente descendentes no espaço metropolitano, tendo como destino áreas de menor renda média do que a renda média da área de origem e, em muitos casos, áreas de tipo sócio-espacial mais operário ou popular. Esse movimento resultou na mudança das áreas: a entrada de determinados grupos sociais e a saída de outros têm promovido um processo conhecido

na sociologia norte-americana como de *sucessão*, isto é, a substituição dos moradores de uma área por outros, de grupo social diferente. É claro que este processo não se completa totalmente, mas ocorre como tendência. O resultado da mobilidade residencial é uma nova mistura de grupos sociais no espaço geográfico e uma nova correlação entre esses grupos nas várias áreas específicas, podendo ocorrer mudança na sua representação e, por consequência, mudança de tipologia sócio-espacial.

Na Região Metropolitana de Belo Horizonte, as transformações sócio-espaciais ocorridas nos anos oitenta foram fortemente determinadas pela mobilidade residencial, em um movimento que pode ser sintetizado da seguinte maneira:

1) *transbordamento* territorial das elites, criando novos espaços dessas elites e unificando socialmente parte do espaço belo-horizontino;

2) esvaziamento dos grupos sociais operários e populares das áreas mais centrais, aprofundando o processo de *auto-segregação* das elites, as quais estão cada vez mais concentradas em determinados espaços¹⁸;

3) esvaziamento populacional das áreas peri-centrais de Belo Horizonte, com maior percentual de famílias saindo do que entrando, região que também é cenário de troca desigual, com mais saída relativa de famílias com chefe operário ou trabalhador de sobrevivência e mais entrada relativa de elite e grupos médios¹⁹, passando também por processo de mudança ascendente;

4) espraiamento das classes médias, em direção ao eixo industrial, mesclando-se ao operariado industrial moderno e mudando o perfil das áreas situadas naquela região;

5) expulsão de parte do operariado e dos trabalhadores de sobrevivência das áreas de tipo médio.

Em síntese, a análise dos fluxos de saída por tipo de evolução da área, *vis-à-vis* os fluxos de entrada reforça a tese de que a transformação das áreas foi resultado do

¹⁸ Nos Espaços da Elite e nas áreas de Aburguesamento, em geral, cresceu a representação das elites dirigente e intelectual, bem como do Pequeno Empregador; cresceu também a representação de algumas categorias dos setores médios. Por outro lado, a representação do Operariado, que era inexpressiva, em 1980, diminuiu ainda mais em várias categorias sócio-ocupacionais; decresceu, ainda, a representação das empregadas domésticas em várias unidades espaciais.

¹⁹ Esta região é composta de UEH de Aburguesamento (57%), de Mais Classes Médias (4%) , de Diversificação Ascendente (8%), de Proletarização (3%) e de áreas que permaneceram com o mesmo tipo sócio-espacial (29%); em geral, recebe relativamente mais grupos médios e de elite, com duas exceções no saldo entre entrada e saída de grupos sociais: maior entrada relativa de operários industriais nas áreas de proletarização e maior saída relativa de famílias da elite das áreas de Diversificação Ascendente.

saldo da mobilidade residencial, em um movimento geográfico de permanente periferização dos segmentos operários e populares.

Alguns determinantes da mobilidade residencial

Ao concluir que a mobilidade residencial tem forte impacto sobre a organização sócio-espacial metropolitana, é preciso discutir ainda que fatores são determinantes desse movimento. Na realidade, não há como analisar os fluxos populacionais no espaço urbano sem uma compreensão mais geral sobre a própria lógica da urbanização capitalista.

Há mobilidade espacial, dizem Bassand et Bruillard (1980), *porque o espaço está organizado em função da divisão social e técnica do trabalho*. A especialização econômica, afirmam os autores, vai implicar uma mobilidade espacial intensa dos indivíduos e grupos sociais, que por sua vez, está ligada à mobilidade espacial de bens de consumo e de produção, de capital, de empresas, instituições, tecnologia e informação. Bassand et Bruillard falam ainda de uma rede de localidades e de regiões, unidas por relações sociais, políticas e econômicas assimétricas, que fazem com que o funcionamento e o desenvolvimento desses lugares seja desigual e dependente. *O fenômeno urbano é a armadura desse sistema* (p.57) e é indispensável conhecer as mudanças nesta armadura para compreender a mobilidade espacial.

A importância na proposição metodológica dos autores está na idéia de que a mobilidade espacial *é um dos eixos fundamentais do funcionamento e das mudanças das sociedades contemporâneas* (p.13), mas ela não é, por si, determinante das transformações socio-espaciais. Ao contrário, ela é resultado e expressão dessas transformações.

A articulação, no território, do conjunto de equipamentos, de infra-estrutura, e de empresas capitalistas produz uma diferenciação econômica do espaço, e a distribuição das pessoas nesse espaço será, portanto, resultante do acesso desigual aos recursos urbanos. A movimentação das famílias na metrópole tem distintos fatores e condicionantes, relacionados ao *lugar* que cada uma ocupa na hierarquia social.

Para as elites, por exemplo, um recurso importante a ser buscado na cidade é a *distinção*, a diferenciação simbólica do espaço residencial, que vai resultar na auto-segregação: *“(...) o espaço é um dos lugares onde o poder se afirma e se exerce e, sem dúvida, sob a forma mais sutil, a da violência simbólica como violência desapercibida:*

os espaços arquitetônicos (...), obtendo-se dele (...) o respeito que nasce do distanciamento (...)" . “[Os ganhos do espaço] podem tomar a forma de ganhos de ocupação, a posse de um espaço físico podendo ser uma forma de manter à distância ou de excluir toda espécie de intrusão indesejável” (Bourdieu, 1997:163).

Para o operariado, ao contrário, um recurso fundamental é o acesso às oportunidades de trabalho e a proximidade que dispensa o gasto com transporte. Desta forma, a parcela mais qualificada do operariado industrial e dos trabalhadores do setor terciário acabou por se concentrar no eixo industrial, em áreas que abrangem os municípios de Contagem, Betim e o vetor oeste de Belo Horizonte.

As classes médias, segmento *intermediário* na hierarquia social, têm comportamento diferenciado: de um lado os setores da pequena burguesia e da intelectualidade buscam os espaços diferenciados da elite. Por outro, a parcela vinculada ao trabalho não manual da indústria e do setor terciário, fundamentalmente o terciário produtivo, tem comportamento semelhante ao do operariado.

As transformações no território da região metropolitana estão relacionadas a fatores de mudança na distribuição de recursos, fundamentalmente a ação do Estado e a atuação do mercado imobiliário²⁰.

Três são as principais ações estatais com impacto direto na distribuição dos recursos urbanos: a legislação urbanística, a política habitacional e a execução de obras viárias, promotoras de maior acessibilidade.

A legislação urbanística é fator importante, na medida em que promove, a distribuição de potencial construtivo na cidade e gera a abertura de novas frentes imobiliárias, ao redefinir as possibilidades de uso do solo urbano. No caso da região de Belo Horizonte, a primeira Lei de Uso e Ocupação do Solo, aprovada em 1976, teve grande impacto sobre a mobilidade residencial ocorrida nos anos oitenta: em um primeiro momento, provocou a expansão das fronteiras do mercado imobiliário, com o aumento de potencial construtivo, antes muito restrito à área central e agora ampliado para o anel peri-central. Em um segundo momento, no entanto, a limitação da verticalização à área central e à região peri-central, somada ao extraordinário

²⁰ Na medida em que a *acessibilidade* e a *proximidade* são fatores importantes no sistema urbano, ao mudar a forma espacial de uma cidade (mudando a localização de moradias, rotas de transporte, oportunidades de trabalho etc), mudamos também o preço da acessibilidade e o custo da proximidade para qualquer família (Harvey, 1979:54).

crescimento populacional e ao *boom* imobiliário do período conhecido na literatura econômica como o do *milagre brasileiro*, acabou gerando uma escassez de solo e o consequente encarecimento da localização urbana. Como resultado, houve uma gradativa expulsão de segmentos de menor renda, através da mobilidade residencial para fora do município de Belo Horizonte.

Outro impacto importante da legislação urbanística sobre a organização sócio-espacial da região metropolitana está relacionado à aplicação da Lei Federal 6766, aprovada em 1979, que regula o parcelamento de solo urbano. Esta lei estabelecia que projetos de parcelamento em municípios situados em regiões metropolitanas deveriam receber a anuência do órgão técnico metropolitano, antes de sua aprovação pelas prefeituras municipais, o que gerou maior controle sobre o mercado de terra na RMBH. Como resultado, a implantação dos chamados *loteamentos populares*, com lotes pequenos e infra-estrutura precária, foi transferida para o municípios vizinhos fora dos limites da região metropolitana, ampliando os espaços periféricos da região²¹.

Também a política habitacional teve impacto direto sobre o sistema urbano na RMBH. Em primeiro lugar, porque a política de urbanização do BNH, levada a cabo na Segunda metade dos anos setenta, gerou novas áreas para investimentos imobiliários voltados para os segmentos médios do mercado. É o caso do *Projeto CURA*, que resultou na urbanização de áreas residenciais nas proximidades da Cidade Industrial de Contagem, na região cuja tipologia sócio-espacial mudou de Operário, em 1980, para Operário e Médio, em 1990. Em segundo lugar, à falência do sistema financeiro de habitação²² seguiu-se a implementação de programas de moradias subsidiadas, destinados às famílias de baixa renda, com recursos oriundos da área de assistência social do Gabinete do Palácio do Planalto. Na região de Belo Horizonte, o primeiro conjunto construído foi o Nova Contagem, em 1984, na periferia do município de Contagem próximo à divisa com Esmeraldas – “de um lugarejo de 2000 habitantes em 1980, chegou a quase 30000 em 1991” (Prefeitura de Belo Horizonte,1995:51). No município de Belo Horizonte surgiram outros, nas áreas a norte, leste e Pampulha, principalmente - são assentamentos precários, sem infra-estrutura, que se constituíram

²¹ Para o detalhamento desse processo, ver Costa, 1983.

²² O BNH, na realidade, financiou, nos anos setenta, principalmente o setor imobiliário orientado para os segmentos médios, resultando em fraca produção para baixa renda através da COHAB e do INOCOOP – ver Prefeitura de Belo Horizonte,1995.

em atrativo para novas ocupações irregulares, gerando um processo de periferização de áreas faveladas.

Por fim, a ação pública orientada para obras viárias foi intensa no final dos anos setenta e início dos anos oitenta, criando novos acessos e propiciando as condições para a expansão das fronteiras do mercado imobiliário, cuja expansão foi expressiva nos anos oitenta.

A expansão imobiliária ocorreu através de duas frentes principais: de um lado, o mercado de terra investiu em áreas voltadas para os segmentos médios, principalmente nas áreas peri-centrais do município de Belo Horizonte, e ampliou a oferta de lotes pequenos para os segmentos de baixa renda, nas áreas mais periféricas da região metropolitana. Por outro lado, a oferta de imóveis residenciais construídos, principalmente apartamentos, depois de breve período de desaquecimento nos primeiros anos da década de 80, voltou a crescer.

Ao mesmo tempo, surge uma nova forma de assentamento residencial, os condomínios fechados, áreas muradas e parceladas em lotes grandes, em geral acima de 1000 m². Trata-se da venda de um novo modelo cultural, que vai orientar a escolha de alguns grupos sociais de elite, valorizando o contato com a natureza, a tranquilidade e a segurança do acesso controlado através de portaria. A particularidade desse novo modelo na Região Metropolitana de Belo Horizonte é a sua centralidade física: ao contrário de regiões como São Paulo, onde os condomínios surgem em áreas periféricas e caracterizadas pela moradia de trabalhadores, aqui a sua proximidade com a área central é muito grande e sua implantação ocorreu basicamente em território contíguo aos espaços das elites. Trata-se dos espaços localizados a sul da região metropolitana²³, no eixo da rodovia BR-040, que segue para o Rio de Janeiro, que se configuraram como Espaços de Elite Polarizados, onde, como vimos, à implantação dos condomínios, segue-se a ocupação de loteamentos *populares*, por grupos sociais constituídos principalmente de trabalhadores prestadores de serviços domésticos.

²³ os condomínios implantados nas áreas periféricas a norte tinham, e ainda têm, a conotação de sítios de recreio, lugar de lazer nos fins de semana – ver Souza e Teixeira (1999).

Referência bibliográfica

1. BASSAND, M. et BRULHARDT, M. Mobilité spatiale, Publications du fonds national suisse de la recherche scientifique dans le cadre des programmes nationaux de recherche. Saint-Sphorin, Suisse: Georgi, 1980.
2. BOURDIEU, P. Efeitos do lugar. In BOURDIEU, A Miséria do Mundo, Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.
3. COSTA, H.S.M. The production of popular residential land developments in Belo Horizonte, Brazil. 1983. Master of Philosophy, The Architectural Association Planning, London.
4. DESROSIÈRES, A. et al. L'identité sociale dans le travail statistique - la nouvelle nomenclature des professions et catégories socioprofessionnelles, In: Sociétés, 1983: 55-81.
5. HARVEY, D. Urbanismo y desigualdad social, 3ª ed. México D.F.: Siglo Veintiuno Editores, 1979.
6. MENDONÇA, J.G. Legislação urbanística e segregação social no espaço belo-horizontino. In: Anais do I congresso Brasileiro de Direito Urbanístico. Belo Horizonte, 2001 <http://www.oabmg.org.br/cbdu/intro/outer.htm>.
7. Prefeitura de Belo Horizonte, Plano Diretor – Lei de Uso e Ocupação do Solo – Estudos Básicos. Belo Horizonte: Prefeitura de Belo Horizonte, 1995.
8. RIBEIRO, L.C.Q. e LAGO, L.C. O espaço social das grandes metrópoles brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, Recife, A.2, n.3, p. 111-129, 2000.
9. SOUZA, J.M. e TEIXEIRA, J.G., Desigualdade socioespacial e migração intra-urbana na Região Metropolitana de Belo Horizonte 1980-1991. Cadernos Metrôpole - Desigualdade e Governança, São Paulo, n.1, p. 100-133, 1999.